

18º Congresso Brasileiro de Sociologia- 26 a 29 de  
Julho de 2017, Brasília (DF)

[GT 22 Movimentos Sociais Contemporâneos]

REDES DE MOVIMENTOS SOCIAIS E ESPAÇO URBANO: A GEOPOLÍTICA RELACIONAL DE  
PROTESTOS NO CICLO DE PROTESTO DE 2013.

Rafael de Souza -

Doutorando Departamento de Sociologia-USP

19 de junho de 2017

## 0.1 Introdução

O objetivo deste texto é retratar a difusão geográfica dos protestos durante o ciclo de junho de 2013. A pergunta que orienta este texto diz respeito, portanto, ao modo como as características urbanas dos municípios influenciaram a entrada de atores organizados no ciclo de protestos em 2013. É importante ressaltar que a extensão dos protestos em 2013 ultrapassou as barreiras do território nacional. Cidades como Nova York, Montreal, Paris e mesmo Wuhan, na China, experimentaram eventos de mobilização arquitetados por ativistas brasileiros. Eventos transnacionais que apontam para uma compreensão do fenômeno, que vai além da agenda do “direito à cidade”, ainda que a lógica do espaço urbano ofereça aportes teóricos interessantes para a questão das mobilizações de junho. Resumindo, a compreensão adequada dos fenômenos de emergência súbita de grandes ciclos de mobilização depende de uma análise geográfica mais acurada a fim de captar a influência de fatores estruturais.

Através da análise temporal dos eventos de protesto e do sequenciamento da distribuição espacial dentro dos municípios é possível construir uma tipologia das cidades envolvidas nos protestos. Antes de avançar nessa hipótese convém analisar mais profundamente o subciclos de protesto durante junho de 2013. Durante junho de 2013, duas datas específicas marcam uma inflexão nos protestos em virtude da entrada maciça de participantes nas ruas em cada protesto. Essas diferentes fases estão demarcadas pelos períodos 1) de 6 de junho ao dia 13 de junho, 2) de 13 de junho ao dia 20 de junho (períodos de ascensão e pico do ciclo) e, por fim, 3) a fase que vai do dia 21 em diante, que demarca a desmobilização da população.

O texto se estrutura com base na tentativa de caracterizar os diferentes subciclos em função de sua difusão espacial e de sua diversidade através da análise exploratória de clusters. Trata-se, sobretudo, de um estudo descritivo-quantitativo acerca das relações entre dimensões estruturais urbanas e as possibilidades de protesto. O argumento principal a ser defendido é de que existem diferentes processos de difusão de protestos nas diferentes fases e que estes processos estão correlacionados a padrões urbanos e de dispersão geoespacial dos protestos dentro das cidades.

A primeira parte do texto apresenta os parâmetros metodológicos seguidos pela pesquisa. A segunda seção tenta detalhar com mais precisão as contribuições teóricas acerca da noção de ciclos de protesto e tenta sedimentar o caminho para a análise que segue adiante. O estudo de eventos de protesto tem contribuído sistematicamente para a identificação dos mecanismos de mobilização política, bem como para a identificação de repertórios rotinizados de confronto político. Muito embora a sociologia brasileira tenha salientado corretamente o papel do espaço urbano na construção das demandas e das agendas políticas dos movimentos sociais, pouco tem se falado acerca do papel que a

estrutura urbana desempenhou sobre a distribuição dos protestos no território nacional (Alonso, 2012). As seções seguintes procuram retratar com mais detalhes cada uma das fases de difusão dos protestos e sua relação com a estrutura urbana dos municípios brasileiros. Questões relativas a distribuição dos protestos no cenário urbano pouco foram aventadas, ainda que muito se fale acerca do papel das cidades. Em suma, as indagações mobilizadoras são: os protestos começam a partir das grandes cidades ou as grandes cidades e metrópoles vieram a ser protagonistas do ciclo somente depois? E qual o perfil urbano inerente ao ciclo de protesto de 2013?

## 0.2 Metodologia e Dados da Pesquisa

Os dados utilizados foram coletados através de um sistema de busca desenvolvido no CEBRAP no âmbito do projeto “Performances políticas e Circulação de Repertórios nos Ciclos de Protesto Contemporâneos no Brasil - Projeto de pesquisa 2015-2017”. A amostragem das notícias selecionadas se deu em função de palavras-chave e da busca em acervo eletrônico de notícias da Folha De São Paulo. Para essa etapa de desenvolvimento da tese se priorizou jornal de grande circulação. Com cobertura nacional a Folha de S. Paulo permitiu a identificação de um espectro amplo de notícias citando eventos de protesto. Para essa fase inicial da tese, o objetivo fundamental era quantificar os eventos de protesto por meio de uma fonte com relativa confiabilidade e fidedignidade ao longo do tempo. Isto é, o objetivo inicial era extrair de maneira robusta informações mais completas possíveis não somente em relação ao número de protestos, mas também informações relativas à natureza de cada protesto.

As fontes acerca da quantidade exata de protestos a nível nacional ainda são precárias contam com várias lacunas quanto a informações. A maior parte das pesquisas na área se baseiam em dados coletados pela internet para a estimação da quantidade de eventos de protesto (Bastos, Recuero e Zago 2014). Esses estudos, embora interessados na dinâmica da evolução dos ciclos de protesto, estão voltados para o modo como as redes sociais influenciaram ou são influenciadas pelos eventos. Assim, esses estudos muitas vezes acabam não se importando com a realização concreta dos eventos de protesto nos espaços materiais de cada localidade. Existem poucos estimadores confiáveis acerca do grau de correlação entre o número de eventos programados ou citados em redes sociais e sua realização nos espaços físicos.

Outra cautela a ser tomada é a definição de evento utilizada relevante para a contagem do fenômeno. Convém ressaltar que diferenças na definição de eventos, confiabilidade dos dados e diferentes fontes contribuem para contagens dissimilares em relação a magnitude dos protestos. Para este texto, preferiu-se identificar eventos de protesto os quais

os veículos de imprensa contam como realizados. O banco de dados referentes às notícias de jornal tem como objetivo reunir informações relevantes sobre eventos de protestos no Brasil. Numa primeira fase serão priorizados os eventos de protesto que ocorreram durante o período de janeiro de 2013 a dezembro de 2013. O banco de dados contempla eventos que ocorreram tanto em território nacional, quanto àqueles que em território estrangeiro ainda sim façam referência a temas e conflitos políticos brasileiros. A definição de evento foi adaptada de Filleule e Rootes(2003), já que recobre diversas formas de ação coletiva de protesto. Deste modo, cada entrada no banco de dados corresponde a um evento codificado segundo o critério de que a notícia informe acerca de “ação pública tocante as questões em que as preocupações explícitas sobre o temas diversos são expressas como uma dimensão central, organizada por iniciadores não-estatais com o propósito explícito de crítica ou discordância juntamente com reivindicações sociais e/ou políticas.”(Filleule e Rootes, 2003, p.273). Neste sentido, por exemplo, ficam excluídas ações que contrariam a definição de evento de protesto. A título de exemplo:

- Excluem-se ações disruptivas de caráter individual. Ex:Crimes, episódios de violência envolvendo indivíduos, unicamente em função de contendas individuais.
- Ações coletivas de caráter exclusivamente festivo, sem comprometimento com demandas de transformação política, cultural e social. Ex: Carnaval, festas populares, etc.
- Ações convencionais envolvendo ativistas e movimentos sociais. Ex: reuniões, convenções, encontros entre ativistas e políticos, etc.

A Folha foi selecionada em virtude de ser um periódico diário, cobrindo eventos em um âmbito nacional além de ser o jornal de maior tiragem média em todo Brasil, a saber média de 301.299 exemplares, segundo o sítio eletrônico do próprio jornal.

As seções a seguir tentam avançar no entendimento do ciclo de protesto de 2013 enfatizando as características espaciais e as características dos municípios que contaram com eventos de protesto. Admite-se neste texto de que parte dos efeitos de escala só podem ser entendidos quando se leva em consideração a diversidade geoespacial dos protestos. Isto porque os movimentos sociais procuram interpretar suas condições de vida através de avaliações e práticas socioespaciais. Moradores, comerciantes, associações de bairro, artistas, lideranças locais disputam avidamente o direito à interpretações legítimas dos diferentes espaços urbanos. Cada um destes atores diferem no que concerne a reconstrução simbólica e portanto à sua constituição política da cidade. Tais reinterpretações conferem novos sentidos à experiência urbana e, portanto, incidem diretamente sobre as tentativas de ocupar novos espaços de mobilização política.

## 0.3 Ciclo de Protestos de Junho e Tipos de Municípios

A análise a seguir tem um intuito exploratório e descritivo, sem procurar grandes inferências ou explicações causais e completas, já que isto demanda maior investigação de uma série de fatores. O texto se concentra sobretudo na dispersão intermunicipal dos eventos de protesto, mas também intramunicipal, por meio da análise dos locais onde houve manifestações no interior das cidades. Esses subciclos de dispersão interna às cidades indicam a extensão do processo de junho de 2013 dentro das estruturas urbanas de cada cidade.

Os dados coletados para o período de 31 de maio ao dia 30 de junho, contabilizaram um total de 480 eventos em 163 cidades diferentes dentro e fora do país. Os eventos dentro do território nacional somam 445 eventos e 35 eventos fora do Brasil. A média de eventos, incluindo os eventos transnacionais, para todo o ciclo descrito no texto é de 15,48 eventos por dia, mas com uma dispersão de 14,24. Entretanto essas médias se diferenciam segundo as fases do ciclo. A média de eventos para antes do dia 06 é de apenas 6,5 eventos por dia. Do dia 7 ao dia 13 de junho, esse número cai para 5 protestos por dia. Após o dia 13 de junho, a ascensão do ciclo se torna mais evidente com uma média de 25,25 eventos de protesto por dia para depois permanecer estável após o dia 21 para em torno de 22,5 manifestações.

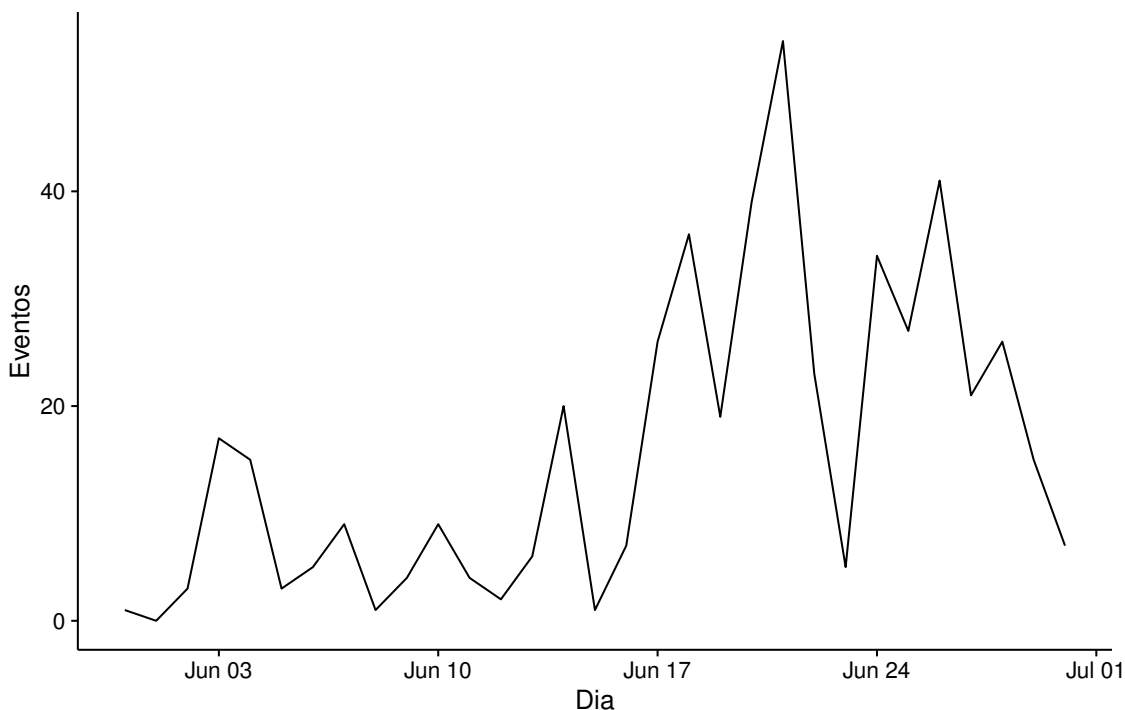
A Figura 3.1 permite visualizar melhor o modo como os eventos se distribuíram ao longo do mês de junho.

De aqui em diante, as análises que se seguem utilizam somente dos dados referentes aos municípios em território nacional. Os dados das cidades no exterior foram deixados, temporariamente, de lado devido à qualidade dos dados coletados para estas cidades. Além disso, para esta fase da pesquisa trata-se fundamentalmente de entender o modo como os protestos foram acionados em diferentes locais da malha urbana interna das cidades. Os dados referentes às cidades estrangeiras não categorizam com precisão esse tipo de informação, motivo pelo qual preferiu-se não concentrar a análise nesses dados.

Em relação à distribuição geográfica entre os estados é possível notar a preponderância das áreas com maiores densidade demográfica e vitalidade econômica. Pela Figura 3.2, as cidades envolvidas no processo de confronto político se concentram nas regiões Sudeste, em especial o estado de São Paulo. O Sudeste destoa do restante concentrando 42% das mobilizações em todo o período. Retirando a participação de São Paulo do montante geral de mobilizações e reescalando a participação de outros estados, observa-se que Minas Gerais aparece com 15% do total de mobilizações, seguido pelo Rio de Janeiro com 14%.

Em seguida o Distrito Federal vem seguido pelos estados do Sul e Centro-Oeste re-

Figura 1: Ciclo de Junho de 2013

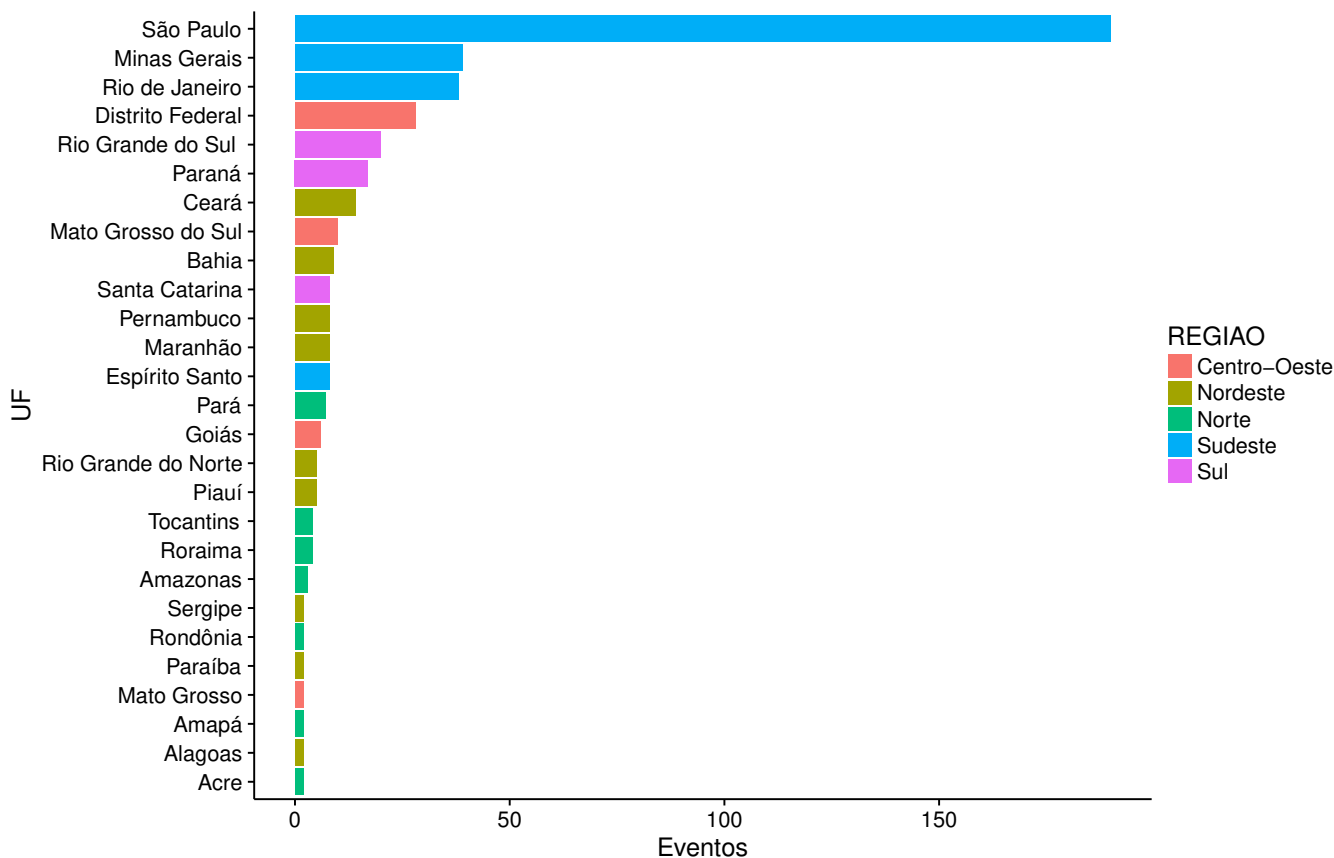


Fonte: CEBRAP. Performances políticas e Circulação de Repertórios nos Ciclos de Protesto Contemporâneos no Brasil, 2013. Elaboração Própria.

giões com maior concentração de eventos. O Distrito Federal teve 10% de participação nos protestos, todos na capital da República. No Nordeste, os estados com maior participação foram Ceará com 5% de participação, seguido de Bahia, Maranhão e Pernambuco com aproximadamente 3% de participação total nos protestos, quando se retira o estado de São Paulo. As regiões apontam para a estruturação diferenciada dos protestos. Os estados do Sudeste despontam não somente com maior contingente populacional, facilitando a formação de organizações de movimentos sociais, como também estão no centro da rede hierárquica urbana e econômica. Os estados da região concentram cerca de 60% do PIB nacional, concentram maior densidade populacional e 90,5% de sua população vivem em cidades. Tudo isto significa que mais recursos políticos, materiais e simbólicos fluem na região, facilitando a organização de protestos.

É importante ressaltar que a difusão dos protestos não se concentra somente na região Sudeste. O crescimento econômico da região Nordeste, por exemplo, nos anos de governo petista colaborou para que organizações de movimentos sociais também se firmassem em outros territórios. Crescimento econômico e a expansão de uma rede universitária com a criação de novas universidades federais contribuíram para a formação de “nichos” de formação de ativistas. Conforme Soule argumenta, universidades se constituem em celeiros de ativistas dado o papel dos movimentos estudantis como impul-

Figura 2: Distribuição de Eventos por Unidade Federativa



Fonte: CEBRAP. Performances políticas e Circulação de Repertórios nos Ciclos de Protesto Contemporâneos no Brasil, 2013. Elaboração Própria.

sionadores de protestos (Soule, 2012). O aumento das vagas para curso superior de 2002 à 2013 aumentou 150% em todo o território nacional e a região Nordeste despontava com um total de 93 campi universitários. A criação desses espaços institucionais pode ter tido efeitos no modo como organizações de protesto se disseminaram para além do eixo Rio-São Paulo. Especialmente nas capitais nordestinas, esse fluxo de informação, pessoas e recursos colaborou para a coordenação das atividades políticas e ajudou a “espalhar” os protestos por malhas territoriais mais amplas e até mesmo no interior dos estados do Nordeste.

A distribuição desses eventos no interior de cada estado variou segundo a proximidade com os centros decisórios e de atuação política. A maior parte dos eventos de protesto se deu nas capitais dos estados, o que não é de se surpreender, já que a própria TCP sublinha a natureza política dos protestos. Segundo Rojas e Heaney (2016), pelo menos três fatores destacam a importância das capitais na como espaços urbanos “nascimentos” de protestos: características demográficas, presença de concentrações de grupos ligados a partidos políticos e a maior densidade organizacional de movimentos

sociais.

Em sua maioria, os eventos e episódios de mobilização política tendem a ocorrer em cenários e espaços que remetam a longas “tradições” de lutas políticas. Tradições que orientam e encapsulam repertórios de confronto político definidos e materializados em territórios políticos no interior das cidades. Movimentos sociais e outros fenômenos ligados a política do confronto são expressões de luta pela possibilidade de influenciar a agenda política do Estado. É nas capitais que se concentram diversos órgãos e agências públicas, o que facilita a expressão de demandas, aumentando o impacto da ação dos grupos e organizações de movimentos sociais. Outro fator relevante é que as capitais dos estados demarcam através de balizas simbólicas específicas a presença do Estado. Tais marcos são objetos de investimento simbólicos contraditórios entre aqueles que endossam e os que desafiam a ação estatal. Nas capitais, identidades políticas são formatadas e experiências de confronto são “encenadas” durante a apropriação de espaços públicos centrais na vida política regional e nacional. Estátuas, avenidas históricas e edifícios públicos ou privados demarcam simbolicamente territórios de expressão política. Em suma, as capitais são de certo modo o Estado condensado nos espaços urbanos (Agnew e Crobridge, 2013).

Para os dados do ciclo de junho, a análise desses fatores revela que esse retrato é parcialmente verdadeiro, já que, no total, cerca de 250 eventos ocorreram nas capitais dos estados contra 195 no interior dos estados. Em pelo menos 11 unidades federativas aconteceram protestos somente nas capitais e 7 estados concentraram protestos nas capitais, mas contaram com, pelo menos, um evento no interior do estado. Comparando essas proporções, o Estado de São Paulo e Rio de Janeiro apresentam diferenças significativas, já que no primeiro, a maior parte dos eventos se concentraram nos municípios do interior do estado, ao passo que no segundo essa relação se inverte completamente. O estado de São Paulo conta com um total de 190 eventos estando 76 desses distribuídos na capital e o restante, 114 eventos, no interior. Ao passo que, no Rio de Janeiro essa proporção fica entre 32 eventos na capital do estado contra cerca de 6 eventos em outras localidades.

De modo, em geral as capitais dos estados condensam os eventos, mas houve relativa distribuição por outras regiões das unidades federativas. Grandes cidades do interior, mas também médias e pequenas participaram ativamente na dispersão geoespacial do fenômeno. Destaca-se o grande percentual de participação das pequenas cidades durante o ciclo de junho. A classificação das cidades se deu de acordo com a distribuição segundo a população total através dos quantis e da classificação urbana proposta pelo IBGE, utilizando dados oficiais da população extraídos do censo de 2010. Segundo a classificação estabelecida pelo IBGE, as cidades podem ser classificadas segundo sua distribuição populacional de acordo com os seguintes cortes: 1) cidades pequenas con-



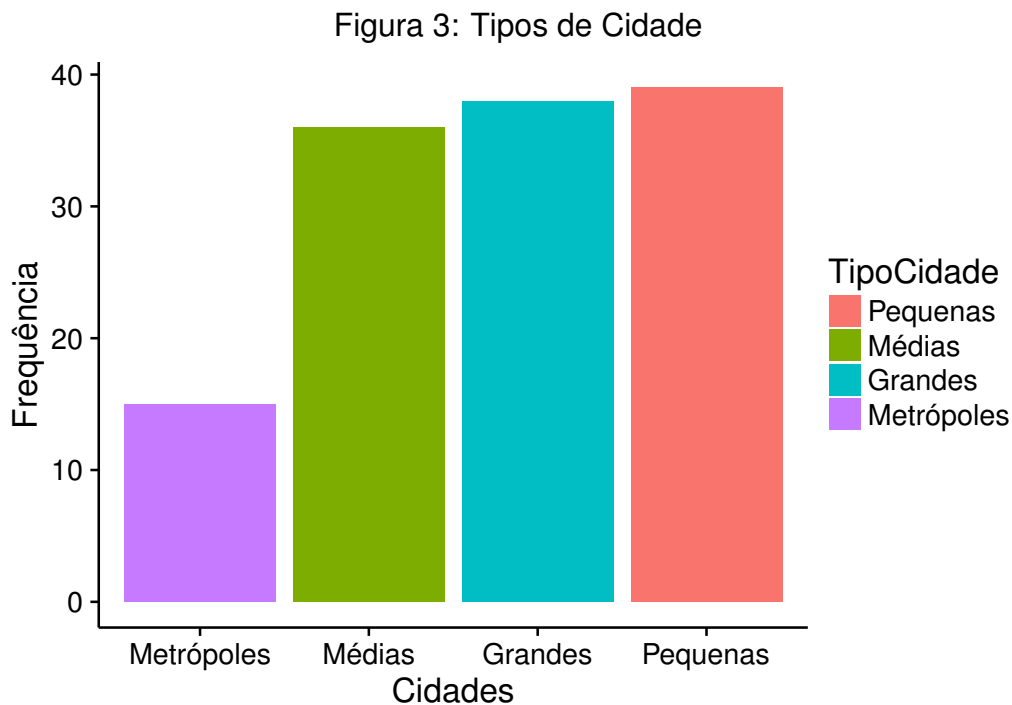
tam com menos 100.000 habitantes, 2) cidades médias contam com menos de 300.000 habitantes, 3) cidades grandes, com menos de 1.000.000 de habitantes e 5) metrópoles, cidades com mais de 1.000.000 de habitantes.

A Figura 3.3 retrata a distribuição das cidades que tiveram pelo menos um evento de protesto em 2013, sem indicar a quantidade de eventos em cada uma delas. Se a ideia de ciclo for verdadeira essa distribuição deveria mostrar um aumento significativo de protestos em cidades fora do eixo das grandes metrópoles. Pelo gráfico, parece evidente a participação intensa das pequenas, médias e grandes cidades durante o ciclo de junho. O tamanho dos municípios importa pois indica o estoque disponível de indivíduos possíveis de se engajarem em atividades de protesto, organizações políticas, movimentos sociais, etc.

Isto é, deve existir uma estruturação socioespacial para o que McAdam chama de “disposição biográfica” (McAdam, 1986). Cidades pequenas tendem a ter economias mais simples e mais centradas nos setores primários de agricultura. Sem diversificação das atividades econômicas, as jornadas de trabalho são fixas e com pouca margem de negociação. Cidades pequenas tenderiam a despontar com menos chances de participarem do ciclo justamente em virtude de seu potencial reduzido de “reserva” ativista. À medida que a economia cresce e se diversifica, aumenta também a possibilidade de que os indivíduos consigam negociar suas jornadas de trabalho. Em metrópoles, pode ser mais comum que indivíduos consigam combinar suas atividades de ativismo com outras tarefas de suas vidas. Durante todo o ciclo, pelo menos, 39 cidades pequenas somadas à 74 cidades médias e grandes despontaram como espaços de mobilização. O número de grandes metrópoles participantes também não variou muito ao longo do ciclo contando com cerca de 15 metrópoles.

Outro dado que atesta o peso do fator demográfico na escalada do protesto é a relação entre tamanho das cidades e número de eventos de protestos registrados. De modo geral, as cidades pequenas respondem por uma quantidade menor de eventos, ainda que muitas tenham participado de todo o ciclo, a média de protestos oscilou um ou dois protestos. As metrópoles, por sua vez, experimentaram episódios de protestos contínuos e com um maior volume de mobilizações durante o mês de junho de 2013. Embora uma das características fundamentais dos ciclos de protesto seja a sua difusão por diversas cidades e território, em si a dispersão espacial não se correlacionou de maneira direta com a escalada do ciclo, isto é, com seu aumento súbito. Isto porque, de modo em geral, esse aumento súbito se concentrou sobretudo nas grandes cidades e metrópoles.

A Figura 3.4 permite identificar esse fenômeno de maneira direta e clara. A Figura B apresenta o montante total de eventos contados segundo os tipos de cidade e a Figura A apresenta a variação do montante de eventos segundo as cidades. As metrópoles concentraram cerca de 225 eventos totais, concentrando quase metade de todos eventos.



Fonte: CEBRAP. Performances políticas e Circulação de Repertórios nos Ciclos de Protesto Contemporâneos no Brasil, 2013. Elaboração Própria.

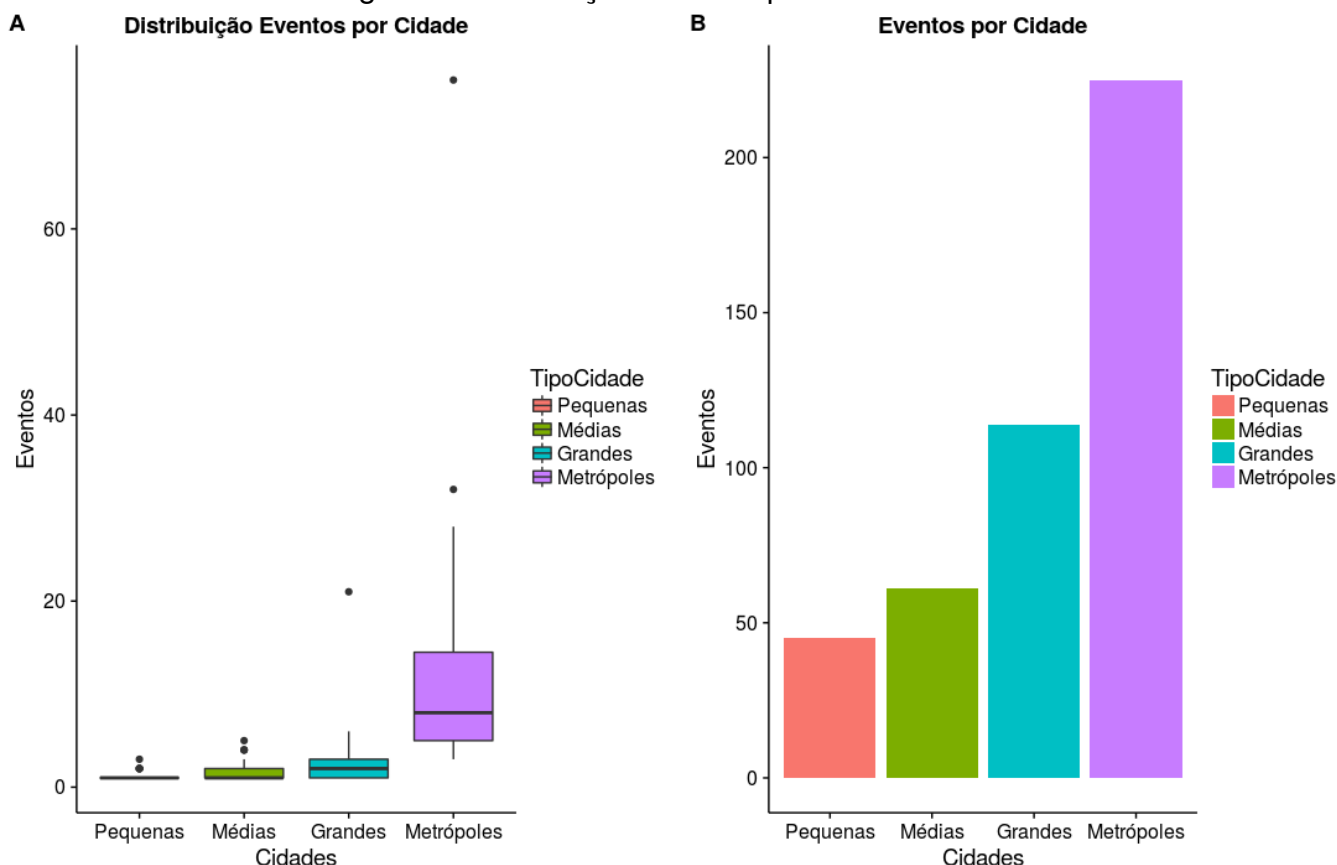
Por outro lado, as grandes cidades responderam por 114. As cidades médias e pequenas tiveram atuação baixa durante os ciclos de protesto no que se refere ao volume total de protestos, sendo 61 e 45 eventos respectivamente.

Isto difere do grupo de metrópoles, isto é, a distribuição de eventos é maior, já que muitas cidades experimentaram intensas variações no que concerne ao número de protestos durante todo o mês de junho. As grandes metrópoles passaram por dias relativamente “calmos” para logo em seguida ver irromper grandes episódios de confronto político com múltiplos eventos e locais de protestos. Presume-se então que a maior parte dos efeitos de difusão e de escalada dos ciclos de protestos ocorreu em função do aumento significativo de protestos nesse grupo de cidades com alta concentração demográfica.

Alta concentração demográfica supõe a diversificação populacional e portanto o surgimento de dificuldades prementes na gestão dos recursos urbanos. O IDHM mede justamente a “qualidade” da estrutura urbana. Segundo as hipóteses de Harvey e de outros autores ligados ao pós-marxismo, os protestos no ciclo apontam a presença dos problemas urbanos como fator primordial na eclosão dos protestos. Seria de se esperar portanto uma concentração de cidades com baixo IDHM, ou pelo menos com patamares médios. Não foi o que se verificou

A Figura 3.5 apresenta a variação dos municípios participantes em relação aos diversos tipos IDHM. Pelos gráficos, nota-se que as cidades participantes se distribuem ao

Figura 4: Distribuição Eventos por Cidade

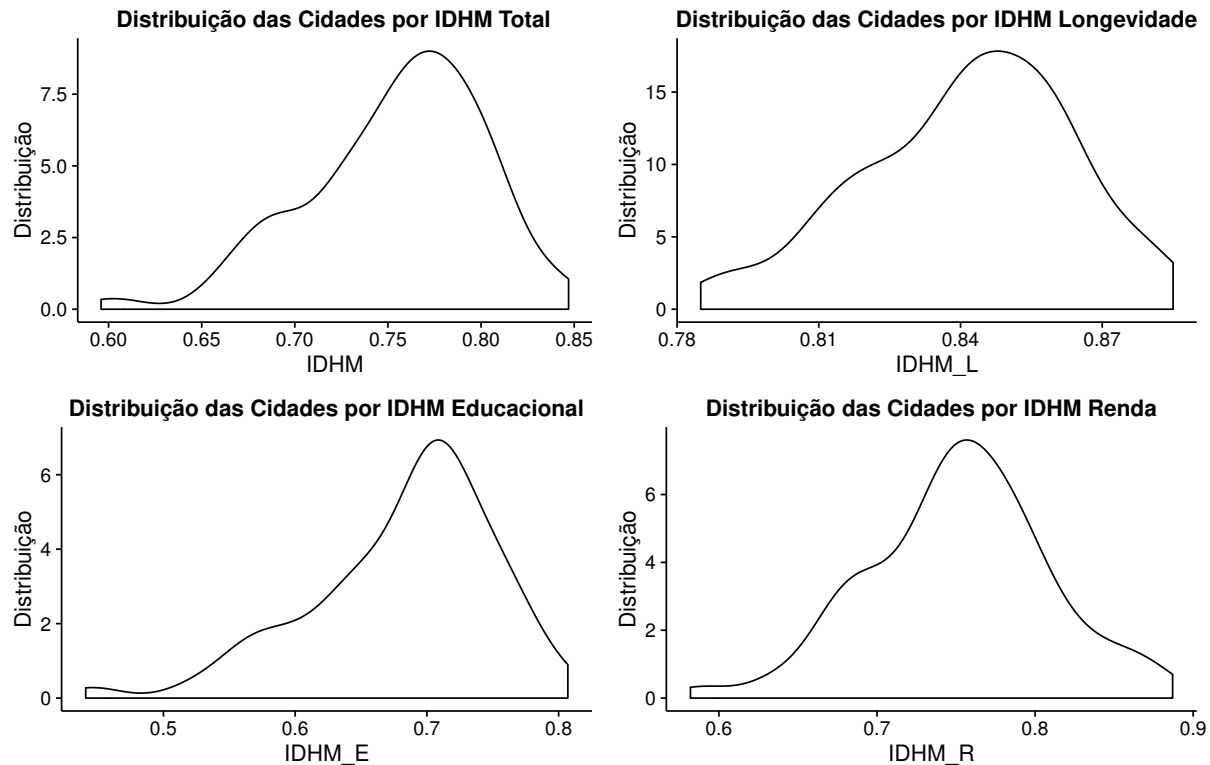


Fonte: CEBRAP. Performances políticas e Circulação de Repertórios nos Ciclos de Protesto Contemporâneos no Brasil, 2013. Elaboração Própria.

longo de valores próximo a 0,7 o que dificulta a análise crua do ciclo como um efeito dos problemas urbanos. Caso, as cidades com graves problemas urbanos fossem o mote das mobilizações, as curvas do IDHM estariam deslocadas para a esquerda, com as suas médias variando em torno de 0,6 ou menos. A maior parte dos protestos ocorreu em cidades com IDHM alto, isto é, com valores de 0,7 ou acima disso. As cidades com IDHM muito alto, com valores acima de 0,8, e somado às cidades com IDHM médio - valores em torno de 0,6 a 0,7, também apareceram frequentemente nas cidades analisadas. Poucas porém são as cidades participantes com IDHM baixo, o que leva a hipótese de que cidades com padrões urbanos muito baixos tendem a contar com recursos políticos insuficientes para a construção de organizações de movimentos sociais voltadas para a realização de protestos.

A infraestrutura urbana com relativa qualidade parece ser portanto um fator primordial justamente para a execução de protestos em torno da “questão urbana”. A distribuição de eventos por IDHM, mostrada na Figura 3.5, também confirma a vivacidade política das cidades com um IDHM em torno de 0,70 a 0,80. Pelo gráfico, é possível confirmar

Figura 5: Distribuição Cidades por IDHM

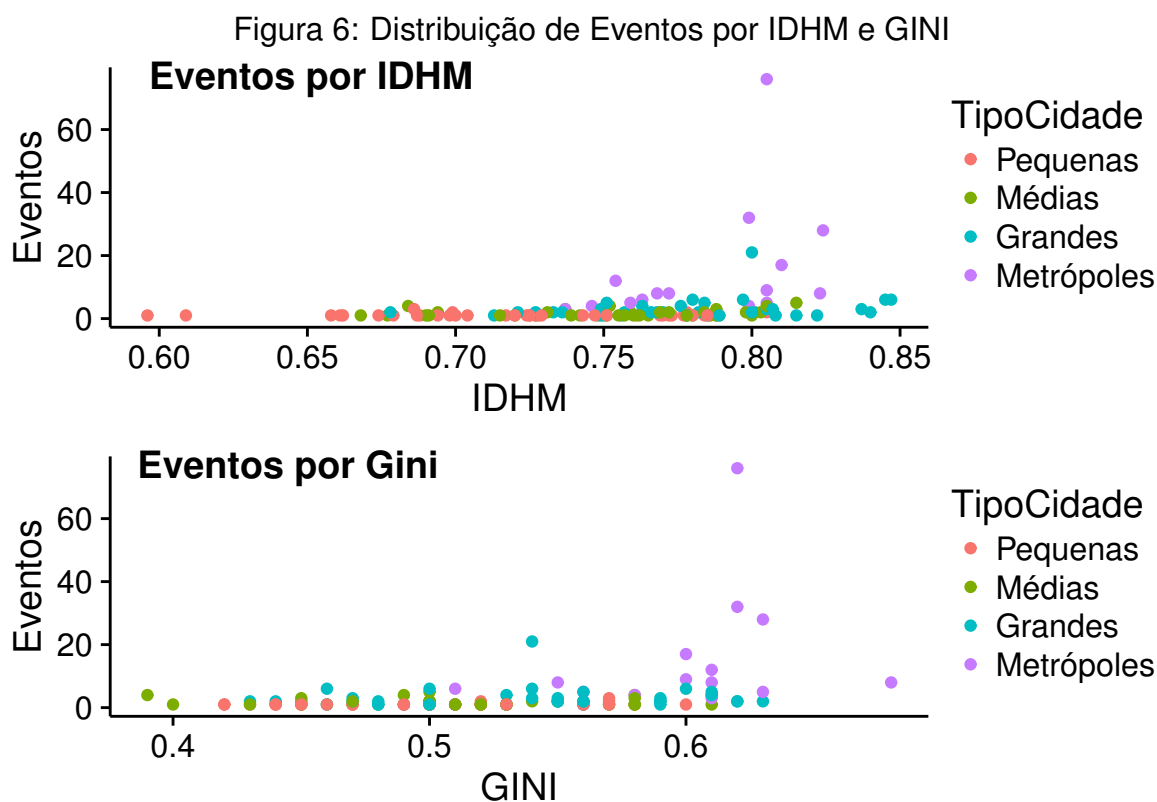


Fonte: CEBRAP. Performances políticas e Circulação de Repertórios nos Ciclos de Protesto Contemporâneos no Brasil, 2013. Elaboração Própria.

que a maior parte dos eventos se deram em cidades com IDHM total alto. Isto se deu em virtude da concentração do ciclo em cidades grandes e metrópoles. As cidades pequenas e média apresentam uma situação mais diversificada em relação ao IDHM, com cidades de valores médios para o indicador também aparecendo nos protestos.

Contudo, a maior parte dos eventos se concentraram nas cidades grandes e médias com IDHM alto ou muito alto, levantando a hipótese de que o fenômeno não se deu majoritariamente em cidades com problemas urbanos absolutamente graves. Cidades com padrão altos de educação, longevidade e parecem dispor de maior “estoque” de ativistas e outros tipos de recursos. Por outro lado, cidades com indicadores ruins de renda, educação e saúde experimentaram um padrão baixo de protestos durante o ciclo de junho. Por outro lado, cidades com IDHM muito alto, com valores acima de 0,8, também parecem não terem participado ativamente dos episódios de junho. Por outro lado, as cidades com IDHM total pareceram ter um padrão bifurcado de mobilizações, já que algumas poucas cidades com IDHM alto experimentaram padrões de protestos mais intensos, ao passo que a maioria permaneceu dentro de valores relativamente baixos de mobilização.

Em resumo, algumas poucas cidades colaboraram para alavancar o ciclo de protestos, seja pelo IDHM seja pela sua concentração socioespacial. Embora de fato, houve a



Fonte: CEBRAP. Performances políticas e Circulação de Repertórios nos Ciclos de Protesto Contemporâneos no Brasil, 2013. Elaboração Própria.

dispersão espacial dos protestos por entre as cidades no território nacional, as correntes de transmissão foram municípios com alta concentração de recursos econômicos, políticos e sociais. Entretanto, se a estrutura urbana alta ajudou na construção do protesto de que modo as clivagens de renda afetaram a possibilidade de protesto. Em suma, se os recursos materiais estão concentrados de que modo se dá a coordenação dos protestos?

Do ponto de vista da renda, as cidades diferem consideravelmente mais uma vez em relação a divisão entre cidades pequenas e médias de um lado e as metrôpoles e as grandes cidades do outro. Isto porque, as metrôpoles e cidades grandes com padrão acentuado de desigualdade de renda experimentaram episódios mais intensos de protesto. Cidades como Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo “puxam” a distribuição de eventos para valores acima da média de protestos. A Figura 3.6 apresenta a distribuição do número de eventos IDHM e coeficiente GINI que mede concentração de renda. Além da informação da relação entre eventos e as variáveis de interesse, a Figura 3.6 também representa o tamanho das cidades;

As metrôpoles com um GINI de 0,6 ou maior participam mais dos episódios de protestos, ainda que a sua distribuição total na amostra seja menor do que as cidades com desigualdade de renda moderada ou com distribuições mais igualitárias de renda. As grandes

metrópoles mantém padrão concentrado de renda, o que sugere que mais do que problemas urbanos não se traduzem de maneira direta nas práticas e níveis de mobilização. Tais cidades mantêm padrões de acesso diferenciados aos mais diversos equipamentos públicos urbanos e mantêm distintos padrões de segregação dentro de seus territórios. O padrão elevado de protestos em cidades com IDHM alto e com distribuição de renda desigual aponta para a hipótese de que os efeitos seletivos das políticas urbanas de fato afetaram o andamento dos protestos. Entretanto, tal conclusão não deve nublar o fato de que tais cidades experimentaram episódios maciços de mobilização, envolvendo amplos segmentos da população. Não somente as “massas excluídas” estiveram nas ruas. Segundo dados do IBOPE, para oito capitais, comparando os dias 20 e 21, a presença de participantes com renda menores do que 2 salários mínimos é de apenas 15%. Os indivíduos com renda familiar acima de 10 salários mínimos aparecem com 23

Tais fatores servem para indicar que a redução dos protestos às contradições urbanas é problemática em si, caso não se leve em consideração os múltiplos estilos de mobilização presentes no protesto. Estes temas serão melhor detalhados nos textos seguintes da tese enfatizando sobretudo o modo como os protestos foram formatados segundo as características socioeconômicas dos locais de protesto e de sua organização.

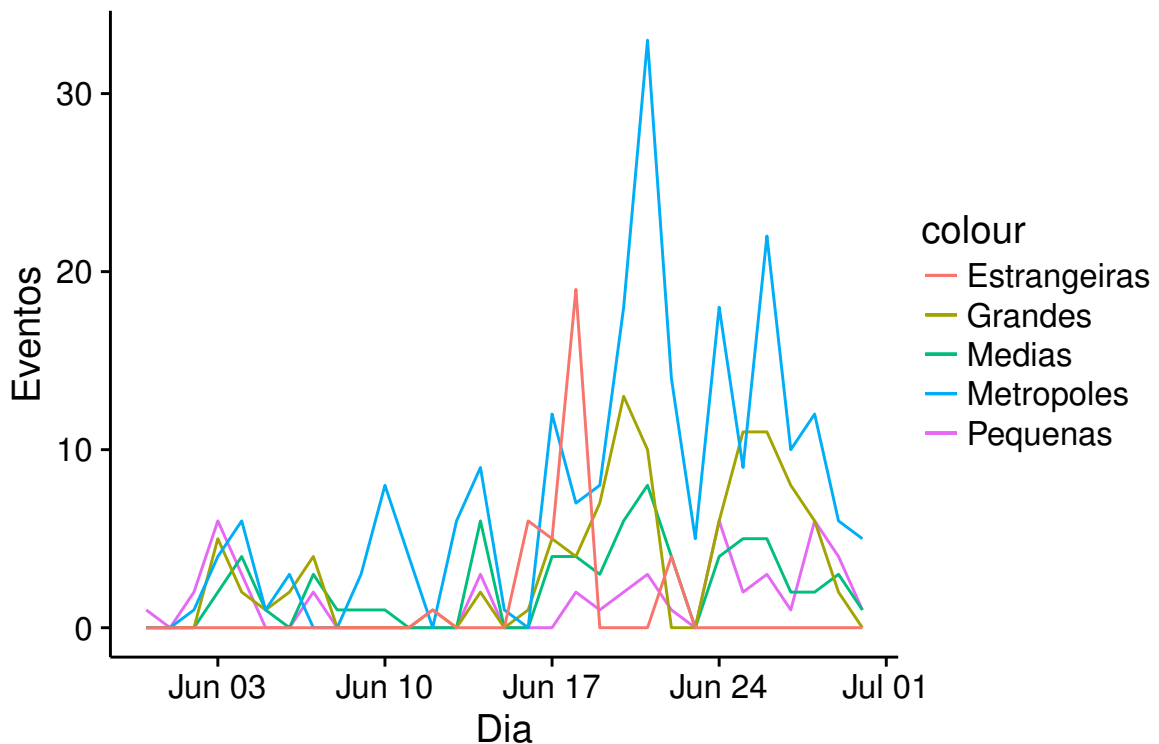
Por ora, basta dizer que, em resumo, as cidades com maior densidade demográfica com indicadores de IDHM relativamente altos, próximas dos grandes centros decisórios, mas com padrões acentuados de desigualdade de renda, experimentaram patamares mais altos de mobilização durante o mês de junho. Cidades menores mas com IDHM baixos e forte concentração de renda parecem não ter se mobilizado nos mesmos patamares do que as cidades maiores. Municípios com alto padrão de IDHM e com baixa concentração de renda também não experimentaram níveis intensos de mobilização política. Resta saber de que modo esses fatores se distribuíram no tempo, isto é, de que modo os protestos evoluíram ao longo do tempo segundo o tamanho das cidades, já que a evolução do ciclo seguiu um padrão de dispersão interna às cidades. Cidades grandes contribuíram mais com o volume total de protestos em virtude da maior dispersão interna dos locais de protesto. Resta saber também como as cidades estrangeiras adentraram nesse processo e de que modo foram importantes para a escalada do ciclo.

## **0.4 Sequenciamento Temporal e Espacial do Ciclo**

Esta seção tenta detalhar através da análise de sequências temporais se existem padrões de mobilização ao longo do tempo e em diferentes tipos de municípios. As cidades pequenas e grandes iniciam um pequeno subciclo a partir do dia 02 em diante. Isto porque, no início do mês, ocorreram no território diversas campanhas em função de causas espe-

cíficas. Três episódios específicos de protesto marcam esse período. A partir do dia 03 diversas paralisações e greves ocorreram em campi de universidades do interior paulista. Cidades como Ribeirão Preto, Franca, Araraquara e outras passaram por episódios coordenados em função do fim do Programa de Aprimoramento do Ensino Médio o PIMESP. Por outro lado, o início do mês também foi marcado pela intensificação dos conflitos em torno da questão de demarcação de terras indígenas. E, por fim, o mês de junho de 2013 começa com controvérsias políticas em torno da eleição de Marco Feliciano (PSC) à presidência da Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM).

Figura 7: Eventos por Tipo de Cidade



Fonte: CEBRAP. Performances políticas e Circulação de Repertórios nos Ciclos de Protesto Contemporâneos no Brasil, 2013. Elaboração Própria.

A Figura 7 acima apresenta a distribuição de eventos por tamanho da cidade em função do dia do mês. É possível notar que os tipos de cidades tem distintas participações ao longo do tempo. No geral, pode-se dizer que as grandes metrópoles iniciaram o ciclo de junho e participaram ativamente durante todo o ciclo de protesto. Outro ponto importante é que as cidades estrangeiras participam ativamente nos protestos principalmente a partir do fim de semana do dia 15 de junho.

A indicação de Marco Feliciano irritou diversos setores da sociedade civil e os movimentos sociais, incitando a organização de eventos contra projetos considerados discriminatórios pelo ativismo LGBT. A 17ª parada LGBT ocorreu no dia 02 de junho contando

com a participação em torno de 220.000 pessoas e houve protestos explícitos contra a chamada “cura gay”, projeto de lei aprovado na CDHM <sup>7</sup>

Tais eventos, por si só, não explicam inteiramente o surgimento e dispersão do ciclo, mas afetam fundamentalmente as taxas de dispersão dos eventos posteriores através da combinação desses ciclos menores com os eventos posteriores aos do dia 06 de junho. O dia 03 de junho concentrou aproximadamente 3,5% de todo o ciclo do mês. Daí em diante, as mobilizações do MPL, em especial nas grandes regiões metropolitanas, parecem ganhar momento e se combinar com eventos de protesto localizados nesses municípios grandes e médios. Pelo menos 7 cidades “contenciosas” pareceram puxar o montante geral de mobilização durante o mês de junho. Os protestos se concentraram nos centros políticos locais e nos municípios que sediaram a Copa das Confederações de Futebol e que contaram com obras para a Copa Mundial de Futebol de 2014. A partir do dia 14, as cidades médias e pequenas passam a ser acompanhadas tanto pelas grandes cidades quanto pelas pequenas cujos eventos de protesto não parecem se organizar segundo eixos ou campanhas regulares. A combinação da repressão do dia 13 e a atuação de grupos ligados a diversas causas localizadas nas cidades médias colaborou enormemente para a sublevação e dispersão das mobilizações a partir do dia 14 de junho.

A fase de pico das mobilizações também parece ter diferido significativamente segundo os tipos de cidades. As grandes cidades, em sua maioria nos interiores dos estados, alcançaram o pico de mobilizações durante o dia 20 de junho, ao passo que as metrópoles atingiram os maiores patamares no dia seguinte. As cidades médias experimentam o seu auge de mobilização somente a partir do dia 22, ao passo que as pequenas não pareceram desfrutar de mudanças súbitas e bruscas durante os protestos.

É interessante notar que durante a fase de descenso do ciclo de protestos, as grandes metrópoles passaram por declínios mais acentuados e aumentos repentinos mas com picos menores do que os do dia 21 de junho. As cidades grandes, por sua vez, declinam mais lentamente e devagar conforme atingem o pico de um segundo subciclo. A partir do pico no dia 21 em diante, diversas campanhas de mobilização organizadas pelo Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST) ocorrem em diversas cidades do Sul e Centro-Oeste, o que ajuda a explicar esse declínio gradual. Por sua vez, nas grandes metrópoles, essas oscilações descendentes são resultados de surtos de mobilizações nas cidades de São Paulo, em função dos protestos contra as respostas governamentais federais e estaduais em relação aos protestos das fases anteriores. <sup>8</sup>

Essa variação no modo como os tipos de cidades participam durante o ciclo está

---

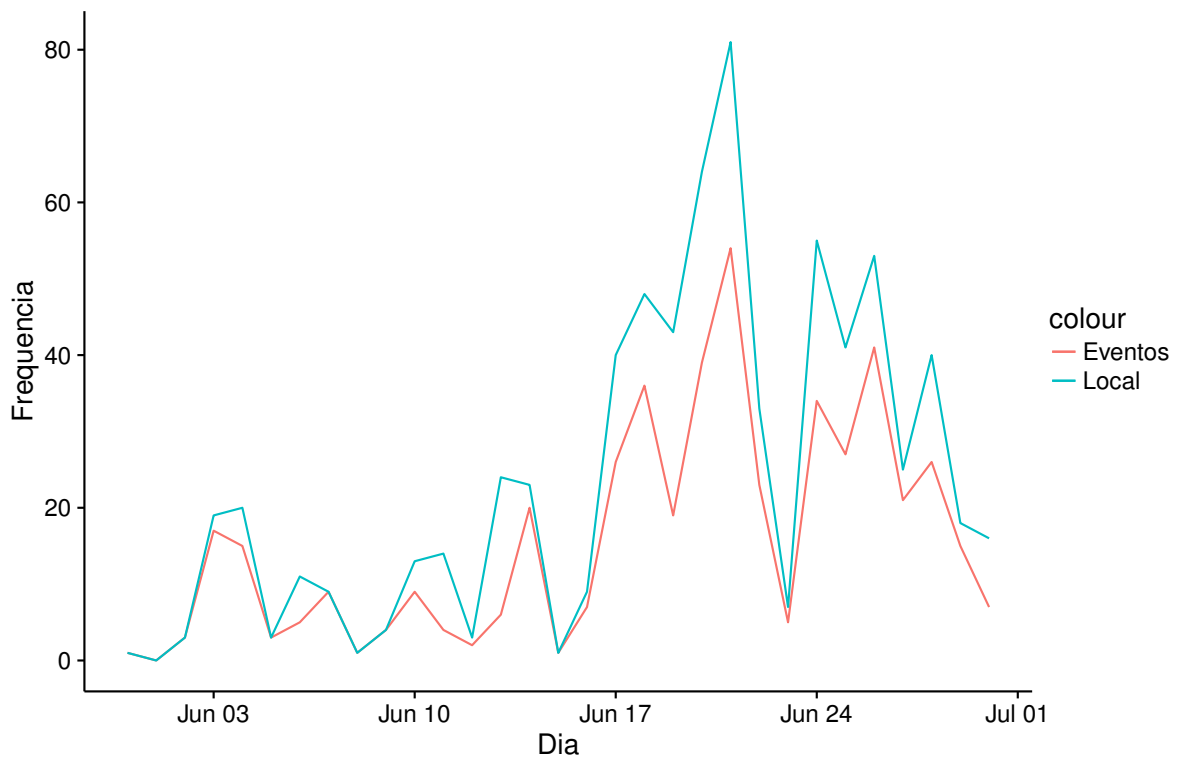
<sup>7</sup>Comissão de Direitos Humanos aprova autorização para cura gay, G1 Notícias, <http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/06/comissao-de-direitos-humanos-aprova-autorizacao-para-cura-gay.html>

<sup>8</sup>Seguem -se protestos em função do Ato Médico proposto pela Presidenta Dilma Roussef, por exemplo, e a vinda de médicos cubanos para o Brasil.



correlacionada a dispersão interna de locais de protestos em cada território municipal. Isto porque, o modo como as mobilizações se espalharam internamente aos municípios também segue esse mesmo padrão. A dispersão de locais de protestos internos aos municípios é mais variada nas grandes cidades e metrópoles. Durante o ciclo, essa dispersão geográfica interna tem um aumento súbito mais repentino e com inclinações mais acentuadas e antecedentes a dispersão de eventos entre cidades. A Figura 3.8 permite visualizar esse tipo de efeito.

Figura 8: Ciclo de Protesto: Eventos e Locais



Fonte: CEBRAP. Performances políticas e Circulação de Repertórios nos Ciclos de Protesto Contemporâneos no Brasil, 2013. Elaboração Própria.

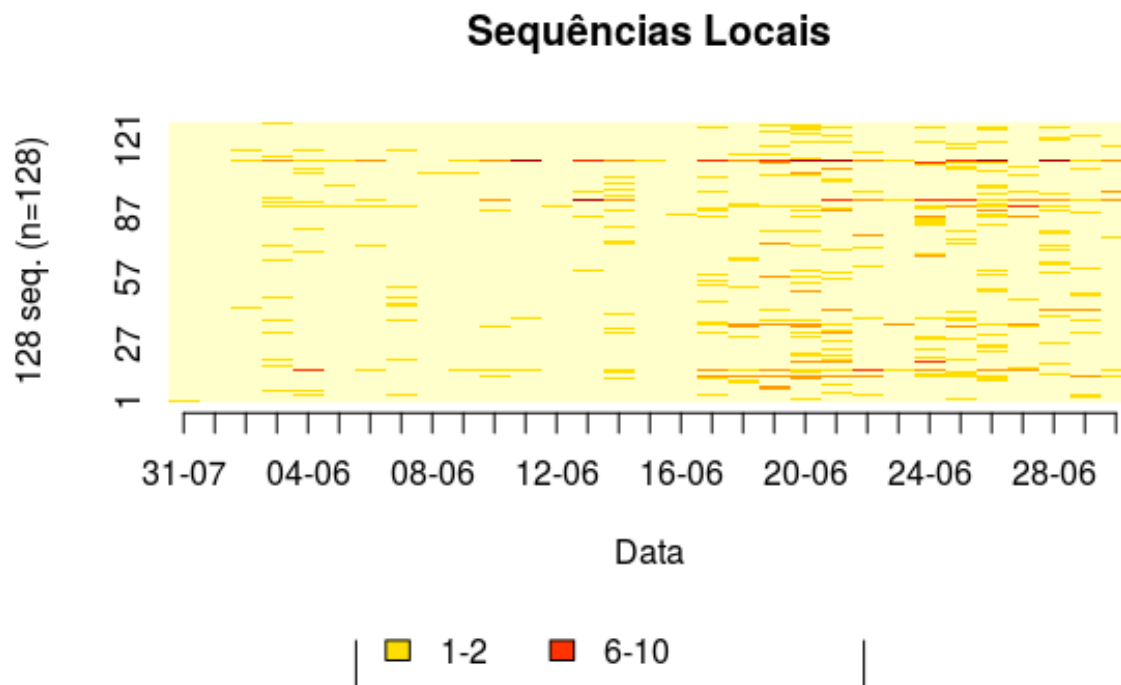
A dispersão de diferentes locais de protesto costumam influenciar de maneira direta a dispersão de eventos de protesto, especialmente durante as manifestações do subciclo que vai do dia 06 ao dia 14. A dispersão de locais de protesto alcança seus picos anteriormente aos picos de eventos durante esses dias, sendo que após o dia 14 essas duas curvas se encontram mais emparelhadas, mas com um volume maior de locais por evento a partir desse dia. A distribuição dos protestos de junho não somente se dá entre cidades, mas também intracidades. Mais locais são escolhidos voluntariamente ou não como espaços de mobilização política e os espaços urbanos passam a ser explorados conforme a natureza dos protestos vai se modificando com o tempo. Sem dúvida alguma, a atuação da repressão nos protestos, especialmente a partir do dia 13 na cidade de

São Paulo, e o modo como novos atores e participantes ingressaram, impactaram na reelaboração cognitiva dos espaços urbanos.

Abaixo segue a análise exploratória das sequências dos locais acionados em cada uma das 128 cidades. Ela representa as sequências das intensidades de locais acionados durante o mês de junho, segundo as datas. Cores claras indicam a ativação de poucos locais de protesto, ao passo que cores escuras indicam o acionamento de múltiplos locais de protesto dentro da cidade naquele dia. É possível notar que durante todo o ciclo de junho a maioria das cidades apresentam padrões mínimos de dispersão espacial dentro de seus territórios. Os protestos são rotineiros e marcados pela pouca inventividade na seleção dos espaços de mobilização política. A partir do dia 14 em diante é possível notar que algumas cidades passam a explorar intensamente novas geografias de protesto. Ainda sim, uma grande parte das cidades permanecem restritas e condicionadas aos mesmos locais de mobilização.

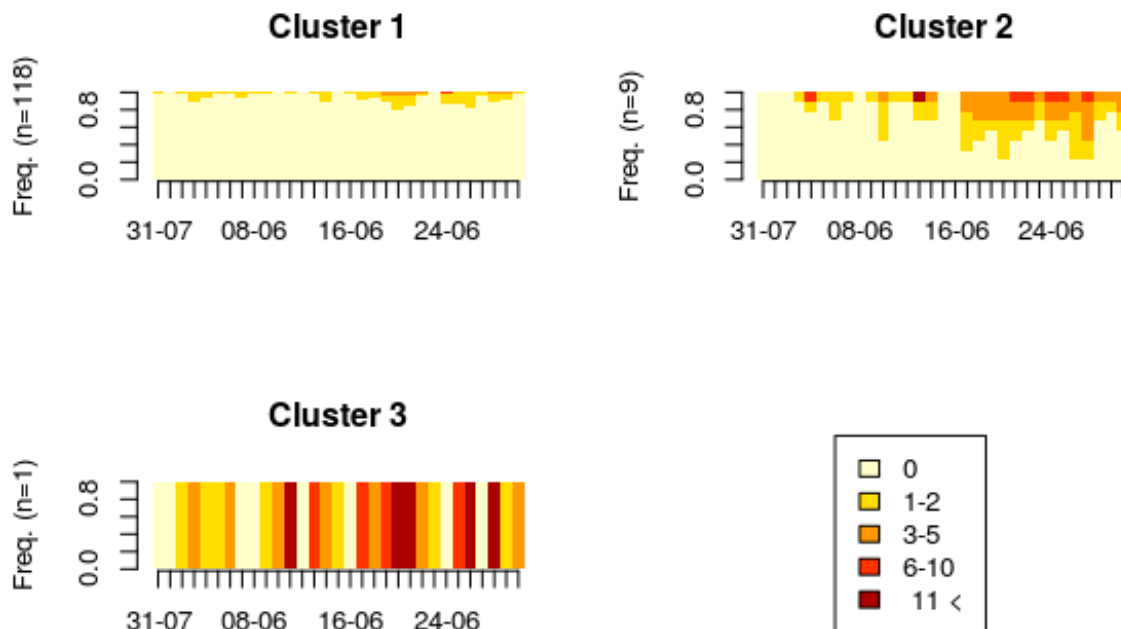
Por meio da análise de sequências de mobilização foi possível também avançar numa classificação dos tipos de cidades envolvidas em junho, que não seja somente em função de suas características estruturais. A análise de aglomerados foi usada na tentativa de identificar cidades segundo a intensidade da dispersão de locais.

Figura 9: Sequências da Evolução do Ciclo por Locais



Pela análise foi possível separar 3 grupos de cidades com padrões distintos de dispersão espacial. Pela Figura 3.10, é possível notar que existem 3 grandes aglomerados de cidades com padrões distintos de dispersão espacial. Um primeiro grupo (Cluster 1) é composto pelo grosso das cidades em que houve protesto.

Figura 10: Clusters



Fonte: CEBRAP. Performances políticas e Circulação de Repertórios nos Ciclos de Protesto Contemporâneos no Brasil, 2013 .Elaboração Própria.

São cidades em que durante todo o ciclo de junho tiveram poucos locais dentro de seu perímetro urbano acionados como espaços de mobilização. Por sua vez, o segundo grupo (Cluster 2), é composto por um grupo de 7 cidades com padrões de dispersão geopolítica marcadas por uma seleção moderada de protestos com 2 ou mais locais sendo selecionados para protestos durante todo o ciclo de junho, ainda que esse processo se intensifique a partir do dia 14. Trata-se de cidades grandes e metrópoles como Brasília, Belo Horizonte, Ribeirão Preto, Fortaleza, Florianópolis e Porto Alegre.

Por fim, o último grupo (Cluster 3) é composto somente por uma cidade, São Paulo, cuja variedade de locais acessados durante o ciclo de junho sempre se manteve alta. A cidade de São Paulo alternou significativamente o número de locais acessados durante o ciclo, contando com uma queda acentuada somente entre 7 e 8 de junho, mas com a politização de múltiplos espaços dentro da cidade. As tentativas de inovação de locais, sem dúvida motivada pela atuação policial, tem a ver também com o modo como o ciclo

de junho ganhou escala.

## 0.5 Conclusão

A ideia do texto foi demonstrar de que modo os protestos se espalharam entre cidades diferentes e também dentro acionando diversas localidades no interior das cidades. Antes de ser uma espécie de revolta generalizada, a ideia de ciclo enfatiza justamente o modo como demandas, atores, repertórios de protesto circulam entre diferentes territórios. De modo bastante direto, a ideia de ciclos de protesto tal qual desenvolvida por Tarrow (2011) põe a centralidade na noção de ações coletivas e desloca o foco exagerado aos atores e suas identidades políticas dado pela teoria dos novos movimentos sociais. Não se trata somente de um dispositivo epistemológico e metodológico a fim de facilitar o estudo de movimentos sociais e outros tipos de fenômenos políticos, já que tais eventos políticos tendem a se agregar no tempo e no espaço e aparecerem sob a forma de ondas de protestos. Picos de mobilização tendem não somente a difundir repertórios de confronto político entre diferentes setores sociais, como também colaboram para a inovação de repertórios, identidades políticas, estratégias organizacionais e etc. Isto ocorre principalmente em função da entrada de novos atores que ao interagirem com grupos e organizações já constituídos “fertilizam” os antigos repertórios de confronto com novos elementos e fazem circular novos repertórios de confronto. A primeira formulação da ideia de que movimentos sociais e outros fenômenos políticos aparecem em ondas surgiu com a formulação de Tarrow (2011).

Recentemente, a literatura acerca de ciclos de protesto tem avançado na delimitação da importância dos fatores espaciais na evolução dos episódios de confronto político. Os estudos até o presente momento salientam os efeitos espaciais na disseminação de protestos baseados na natureza relacional do fenômeno. Segundo Hedstrom (1994), a distribuição espacial condensada tem efeitos positivos sobre a possibilidade de expansão dos episódios de ação coletiva. Isto porque a proximidade espacial colabora para “efeitos de limiar”, os indivíduos tendem a se mobilizar ao perceberem que determinada quantidade ou limiar [*threshold*] de indivíduos de seu convívio próximo irão se mobilizar futuramente. Os espaços urbanos condensados, para Hedstrom, tendem a afetar principalmente a possibilidade de que os indivíduos efetuem com algum grau de precisão esse tipo de cálculo (Hedstrom 1994). É importante notar que no entender de Hedstrom, a evolução dos ciclos de protesto é parcialmente independente das “motivação” ou das agendas prévias das organizações, grupos de movimentos sociais ou participantes em geral. O desenvolvimento dos ciclos de protesto é muito mais dependente de características relativas da interação entre participantes do protesto em contextos espaciais

delimitados.

## 0.6 Referências Bibliográficas

Agnew, John, and Stuart Crobridge. 2002. *Mastering Space: Hegemony, Territory and International Political Economy*. Routledge.

Alonso, Angela. Repertório, segundo Charles Tilly: história de um conceito. *Sociologia e Antropologia*, v. 2, n. 3, p. 21, 2012.

Bastos, M. T., Recuero, R. da C., e Zago, G. da S. (2014). Taking tweets to the streets: A spatial analysis of the Vinegar Protests in Brazil. *First Monday*; Volume 19, Number 3 - 3 March 2014. Retrieved from <http://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/5227/3843>

Fillieule, Olivier; Jlimenez, Manuel. Appendix A The Methodology of Protest Event Analysis and the Media Politics of Reporting Environmental Protest Events. *Environmental Protest in Western Europe*, p. 258-279, 2003.

Gohn, Maria da Glória. 1990. *Movimentos Sociais E Lutas Pela Moradia*. São Paulo: Edições Loyola.

Harvey, D., Maricato, E., Davis, M., Braga, R., Žižek, S., Iasi, M. L., ... Maior, J. L. S. (2015). *Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. Boitempo Editorial.

Hedström, P. (1994). Contagious collectivities: On the spatial diffusion of Swedish trade unions, 1890-1940. *American Journal of Sociology*, 1157–1179.

McAdam, Doug. 1982. *Political Process and the Development of Black Insurgency, 1930- 1970*. Chicago and London: University of Chicago Press.

Soule, Sarah A. 2004. "Diffusion Processes within and across Movements." *The Blackwell Companion to social movements*: 294–310.

Tarrow, S. (2011). *Power in Movement: Social Movements and Contentious Politics*. Cambridge: Cambridge University Press.

Tilly, Charles. 1985. "The City in Cultural Context." *Contemporary Sociology* 14(2): 264–65. <http://search.proquest.com/docview/60962527?accountid=14643>.

———. 1986. "Space for Capital, Space for States." *Theory and Society* 15(1 – 2): 301–9. <http://search.proquest.com/docview/60967632?accountid=14643>.

———. 2000. "Spaces of Contention." *Mobilization* 5(2): 135–59.

———. 2003. "Contention over Space and Place." *Mobilization: An International Journal* 8(2): 221–25. <http://search.proquest.com/docview/60493162?accountid=14643>.